

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal de Brasília Class.: Amazonia/Militares
 Data 26/05/93 Pg.: C/Norte
 134

A Calha Norte e nós

BIA BOTANA

Voce, leitor, sabe dizer o que é projeto Calha Norte? Conhece, por acaso, a importância estratégica desse projeto para o futuro do Brasil?

Se você respondeu "sim" é um privilegiado e pertence a uma minoria bem informada, que sabe o que acontece no Brasil. Agora, se você respondeu "não", saiba que você integra 99% da população brasileira que só fala o mesmo "papo" sobre as infundáveis trocas ministeriais. Não se envergonhe disso, afinal a culpa não é sua, leitor, é que a Calha Norte não era notícia até agora. Foi preciso mais de uma centena de soldados norte-americanos virem praticar "inocentes" e comuns manobras na vizinha Guiana, para que, por magia, a "mídia" se lembrasse das riquezas incalculáveis ocultas no vasto território amazônico, principalmente ao norte do rio Solimões-Amazonas, onde se localiza o eterno Eldorado brasileiro.

Pequeno será este espaço para descrever e explicar a relevância do projeto Calha Norte para todos nós brasileiros. Planejado em 1985, no início do governo Sarney, teve sua implantação a partir de 1986. A princípio idealizado para uma ação conjunta de diversos órgãos governamentais com as Forças Armadas, objetivando criar uma faixa fronteiriça com 150 quilômetros de interiorização ao longo das fronteiras internacionais dos estados de Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, criando tanto condições efetivas de colonização como também a integração das comunidades indígenas locais no contexto nacional, hoje o projeto Calha Norte reflete unicamente o esforço militar em preservar as nossas fronteiras. As Forças Armadas, mesmo desaparelhadas e sem recursos financeiros, asseguraram a implementação de grande parte das metas estabelecidas à revelia de seus parceiros, não obstante tão voloroso esforço pioneiro esteja fadado ao esquecimento, apesar de todo o benefício trazido às populações carentes daquela região nestes últimos sete anos, em razão da postergação irresponsável da União para liberar as verbas que assegurem a continuidade necessária do projeto.

Além das dificuldades econômicas dos últimos anos, o projeto teve seus objetivos comprometidos a

partir de 1989, devido à terrível pressão internacional sobre as questões da região amazônica, que resultou na absurda demarcação da reserva indígena Yanomami em área contínua ao oeste do estado de Roraima, em maio de 1992, pelo presidente Collor, abrindo um precedente que vem permitindo a presente reivindicação de uma segunda demarcação na região da Raposa-Serra do Sol, apesar de a comunidade indígena local estar plenamente integrada e participar da produção agropecuária, assim como ter também expressiva participação cidadã e política. Caso aprovada mais esta reserva, um número não maior que 6.000 índios deterão a posse de dois terços do estado de Roraima, além de ficar completamente livre de fiscalização 60% da faixa fronteiriça internacional do Estado nas divisas com Venezuela e Guiana.

Como se não bastasse o confronto acima descrito, que conta com o apoio da FUNAI e seus interesses políticos, o projeto também enfrenta a inimidade dos ambientalistas do Primeiro Mundo, que na verdade representam os interesses contrariados dos seus países, já que a implementação civilizatória da região gerará riquezas incalculáveis em matérias-primas, sem comprometer a biodiversidade da região, mas podendo comprometer seriamente o atual quadro econômico mundial, como ficou constatado na V Assembléia do Parlamento Amazônico, realizado recentemente em Brasília, no Senado Federal, do qual pouco ainda se falou.

A grande importância do projeto Calha Norte está em sedimentar solidamente a posse territorial brasileira, de modo a impedir a aventura predatória e também que os conflitos fronteiriços venham a constanger o País, por propiciar com sua negligência uma "Calha do Crime", pois, como bem diz Floyd Clarke, subdiretor do FBI: "A medida que se abrem as fronteiras e a movimentação é livre, os países se expõem a uma verdadeira polimização do crime, pois o crime ignora cada vez mais as fronteiras". Só não vê o perigo quem não quer. Apóie o Calha Norte.

■ Bia Botana é analista político